

## EVOLUÇÃO DA GEOGRAFIA HUMANA

As idéias são centros de gravitação muito poderosa (KAYSERLING).

### I — A delimitação de campos distintos nos estudos geográficos é resultado do próprio enriquecimento da geografia

Um professor de geografia da Universidade de Wisconsin, RAY, menciona, ainda em publicação recente, as quatro esferas clássicas, cuja combinação constituiria o meio geográfico: a *atmosfera*, a *litosfera*, a *hidrosfera* e a *biosfera*. O ajustamento do organismo humano a este meio natural seria a última fase deste imponente processo. Eu iria mais longe, entretanto, e a estas quatro esferas acrescentaria uma quinta, a *psicosfera*, cuja materialização sobre a Terra é o próprio homem.

A psicosfera compreenderia, assim, não apenas uma fase da adaptação mesológica, isto é, dos processos humanos de nutrir-se, de perpetuar-se, de defender-se, de congregar-se ou de emigrar, mas também os processos superiores de produzir, de comunicar-se, de organizar-se e de cultivar-se por meio de instituições como línguas, religiões, artes.

Sem retirar o homem do nível orgânico no qual entra como fator na biosfera, acompanhamos, entretanto, a sua ação geográfica incessante, mesmo no nível espiritual e superior em que é talvez mais decisiva.

No caso das quatro esferas que se apresentam como quatro camadas ou cascas diferentes, a metáfora talvez seja falha e antiquada, porque a tendência não é de separar, de distinguir o que na realidade não é separado nem distinto, mas integrado. Vejamos até que ponto pode subsistir, diante da evolução da geografia, como disciplina, uma concepção tão simplista do mundo.

No caso vertente, todavia, me parece que já podemos distinguir no campo da geografia humana, o que é *determinado pelo meio físico* e o que é *condicionado* por ele.

Há, sem dúvida, um *determinismo do meio*, um imperativo imposto pelas barreiras naturais, mas é um determinismo negativo e, diante dos progressos científicos do homem, estes meios restritivos ou repressivos de seu ajustamento vão, pouco a pouco, cedendo — é o recuo progressivo das esferas, que nunca desaparecerão diante da psicosfera, que, entretanto, sempre crescerá.

O "possibilismo" da escola francesa de geógrafos é, incontestavelmente, a característica mais perfeita da psicosfera, se admitirmos que a adaptação mesológica caracteriza mais especialmente a biosfera.

Somos, assim, levados a distinguir em geografia humana duas ordens de estudos, segundo a esfera considerada. Há interpenetração de uma e outra. São ambas as bases da *nova geografia humana* que tende a reivindicar um papel sempre maior para o espírito do homem nos seus contactos mais íntimos com a natureza.

Falei em "nova" geografia humana; mas, na realidade, já terá tido tempo de envelhecer a geografia humana pura e simples? Isso nos conduz à pergunta: que é a geografia humana?

Não tenham receio, eu não procurarei responder a esta pergunta perante um auditório tão profundamente imbuido da significação de semelhante estudo científico; só poderiam satisfazer vistas novas sobre o assunto, fórmulas originais muito bem apresentadas e defendidas. Muito tempo, aliás, se tem perdido em requintes de definições, em ciências sociais, em vez de atacar logo o estudo a fazer.

Delimitar o objeto de estudos especiais é deveras louvável, mas, assim como as classificações, as definições que delimitam são artificiais. A ciência é uma, suas subdivisões são apenas abstrações de nosso espírito para maior clareza, conveniência ou acessibilidade; a fórmula proposta, por isso, não passa de um ponto de vista, mais ou menos acertado e prático.

Em vez de definições, pouco satisfatórias, seria preferível examinar alguns conceitos emitidos sobre geografia humana por geógrafos europeus e americanos no século XX.

Sendo a geografia apenas um ponto de vista sobre o qual são examinados os elementos fornecidos por outras ciências, é natural que os seus progressos sejam, em grande parte, dependentes dos progressos destas outras ciências. O

conhecimento geográfico da atmosfera está, evidentemente, subordinado aos progressos da meteorologia, assim como a explicação das formas características do relevo se acham em estreita relação com o adiantamento da geologia.

Mas os próprios progressos que realiza a geografia, graças às suas excursões em campos alheios, onde vai fazer colheitas frutuosas para transformá-las em conceitos geográficos, estes próprios progressos veem enriquecê-la e diferenciá-la.

Houve um tempo, que alguns de nós alcançaram, em que se dividia arbitrariamente a geografia em geografia matemática, geografia física, geografia política e geografia econômica, como se nenhuma conexão tivessem entre si.

Hoje, distingue-se apenas geografia física e geografia humana; em compensação, estas duas disciplinas se tornaram infinitamente mais complexas: a primeira, por causa dos progressos da meteorologia, da oceanografia e da geologia e, pode-se acrescentar, da biologia; a segunda, por causa do notável desenvolvimento que tomaram as ciências sociais, etnografia, economia, história, ciência política, sociologia, linguística, etc.

A geografia humana (que tem mais de meio século, pois a antropogeografia de RATZEL apareceu em 1882-1891) apesar de estar longe de dispor de todo o material de que necessita, a geografia humana já apresenta as suas especialidades: geografia urbana, geografia médica, geografia militar, geografia econômica, geografia linguística, geopolítica e muitas outras subdivisões que separam apenas uma sistematização de seus elementos esparsos.

Apenas formada, a geografia humana está procurando, hoje em dia, quem venha a fazer por ela o que DE MARTONNE fez para a geografia física, o que GUNTHER fez para a geofísica, porque, em realidade, RATZEL, JEAN BRUNHES, VIDAL DE LA BLACHE, apenas recolheram elementos, amostras, exemplos do que será um dia; amostras monumentais, sem dúvida, mas tão somente amostras.

A geografia humana parece estar ainda procurando o seu caminho, sua orientação. Ainda se discute se tal ou qual fato entra ou não nos seus domínios, discussão que já não surge mais em relação aos domínios da geografia física.

Como as demais especialidades, a geografia humana cresce pelas suas margens. São, de fato, os assuntos marginais, lindeiros, mais contestados também, que oferecem novos horizontes ao geógrafo. Mais a geografia se enriquece de aquisições, mais se multiplicam, em suas abas, os campos de estudos distintos, as especialidades.

Um dos exemplos mais frisantes talvez seja o vigor com que surgiu e se desenvolveu na Alemanha de após guerra a escola geográfica da geopolítica, com MAULL, HAUSHOFER, HENNING, LANGHAUS-RATZBURG, KJELLEN, etc., disciplinadamente agrupados ao redor da *Zeitschrift für Geopolitik* e dos atlas e mapas de PUTZGER e de FRIEDRICH LANGE. E não ficaram apenas nas lucubrações teóricas: os fatos coligidos, sistematizados e apresentados por este grupo constituem hoje um corpo de doutrina que tem a força de um credo, e deram a uma nação inteira, pode-se dizer, o "Raumsinn", o sentido do espaço e o impulso vital que conhecemos. Que não nos passe despercebido este exemplo do que podem operar noções geográficas orientadas, dirigidas!...

## II — *O verdadeiro conteúdo da geografia humana é a explicação racional de uma relação integral, sendo, pelo menos, um dos termos o homem*

Durante muito tempo a geografia foi considerada como uma disciplina quase exclusivamente elementar, visto que só consistia em ministrar um certo número de informações, em regra destinadas a ser memorizadas e muito pouco de científico oferecia.

Era, então, uma enumeração de fatos mais ou menos interessantes, julgados úteis a conhecer e tidos por exatos. Eram afirmações tais como: tal montanha tem tantos metros de altitude; tal rio é tributário de outro; tal cidade tem tantas mil almas; a capital de tal província é tal cidade... e assim por diante. As vezes, a frase era mais circunstanciada: "Na América Central a República de Cuba, capital Havana, grande produtora de fumo e de açúcar".

Pouco a pouco, entretanto, as afirmações da geografia foram invadindo outros campos, e chegamos a encontrar, nos livros para uso secundário, afirmações como: "Protozoários são as formas animais de maior simplicidade, consistindo em uma única célula"; "a Prússia se constituiu em reino em 1701"; "os polos magnéticos não coincidem com os polos de rotação da Terra" (exemplo de W. M. DAVIS).

Era evidente que, diante desta invasão da biologia, da história e da física, reclamações iam surgir, acusando a geografia de não ter terreno próprio. Ela estava apenas procurando, timidamente, enriquecer-se. Foi bem sucedida, apesar da oposição por que acumulou material, talvez mal digerido a princípio, mas posteriormente aproveitado, logo que soube sair das afirmações puras e simples, e estabelecer relações que, estas, são incontestavelmente geográficas.

De fato, a geografia moderna está em condições de haurir, em tôdas as fontes, elementos e fatos que pertencem a outras ciências, e emitir sôbre êles proposições geográficas, porque hoje já sabe estabelecer as relações que os tornam geográficos.

As proposições não geográficas se tornam geográficas quando envolvidas em relações recíprocas, que podem ser de causa e efeito, ou de simples interdependência.

Sendo a geografia uma ciência de distribuição ou de localização sôbre o globo, a proposição ganha em caráter geográfico quando o fato constatado é localizado sôbre a sua superfície. Por exemplo: "Um movimento de convexão em massas de ar saturadas determina precipitação" é uma proposição meteorológica, mas: "A convexão das massas de ar do Atlântico, ao aproximarem-se do planalto brasileiro, determina chuvas ao longo de nosso litoral meridional" é uma proposição geográfica.

Para que uma proposição geográfica seja de geografia humana, basta que um dos fatores das relações estabelecidas seja o homem.

Num livro sôbre *Construções Navais e Indígenas* escrevia, há mais de meio século, ANTÔNIO ALVES DA CÂMARA esta frase de típica geografia humana: "Os índios Paumaris, quase ictiófagos, vivem nas lagoas das cabeceiras do rio Purús, durante as cheias do rio, dentro de grandes balsas, que na língua geral são denominadas *itapabas*, e que durante as vazantes abandonam, para em *ubás*, e também em pequenas jangadas, percorrerem as margens dos rios".

Em livro recente, escreveram VERÍSSIMO e VÁRZEA: "Lhamas, alpacas, vicunhas e huanacos formavam nos vales andinos o gado da civilização dos incas; lhamas e alpacas foram domesticados, como camelos e carneiros em volta do Mediterrâneo, servindo respectivamente como animal de carga e fornecedor de lã; ambos são carne de alimentação, motivo por que entre os quichuas e aimarás não se conhecia a antropofagia, habitual nos índios do Brasil e do México"...

Só com o princípio fundamental da *relação integral explicada*, verdadeiro conteúdo da geografia, pôde ela progredir e beneficiar-se das investigações feitas pela geologia, pela meteorologia e pela biologia. Hoje, já temos incontestada a existência da fisiogeografia, distinta e muito distinta da geologia; temos, nas suas subdivisões ontográficas, a zoogeografia, a fitogeografia, assim como a paleogeografia.

Neste setor biogeográfico é que entrava a antropogeografia, que chamamos mais frequentemente, no Brasil, de geografia humana.

Se ninguém mais nos agride, atualmente, é porque abandonamos a geografia antiga, do detalhe isolado, para fazer repousar a nossa pesquisa sôbre princípios que vieram demonstrar, aliás, que a nossa disciplina não tem o caráter elementar que a princípio lhe tinha sido atribuído.

Hoje em dia, é bom repetir, o futuro da geografia está nas universidades, no aproveitamento de seus laboratórios de geografia, na formação de seus professores de geografia, no enriquecimento de nossa literatura geográfica, por meio de livros e revistas especializadas e no conhecimento direto dos meios geográficos pela excursão, pela viagem e pela exploração.

Tudo isto, entretanto, de pouco servia, enquanto não estava firmemente estabelecido o princípio da *relação integral*, como conteúdo real da geografia. Por isso, infelizmente, em relações de viagens antigas por esforçados exploradores, é doloroso constatar como é pequena e reduzida a contribuição aproveitável, devido à falta de critério, à facilidade de exagerar, ao desejo de surpreender o leitor.

A partir do momento em que a geografia humana conseguiu sobressair na geografia geral como parte distinta, com objetivo próprio, ela passou por várias fases em sua evolução.

Há um século atrás, consistia apenas num conjunto de fatos não coordenados e relativos à Terra e seus habitantes. Os fatos eram descritos empiricamente, diz W. M. DAVIS, e em regra imperfeitamente. A localização era levada em conta, mas as correlações eram ignoradas, pois, de fato, nem tinha sido ainda notada a sua não existência.

A êste período primitivo sucedeu o outro, o segundo estágio da geografia humana, em que KARL RITTER, em sua *Geografia Comparada*, procura expor as relações entre a Terra e seus habitantes. Ele não leva muito avante a idéia de relação sistemática, mas emite o princípio das relações recíprocas, da história e da geografia, guiado, entretanto, pela visão teleológica de uma experiência terrena a serviço dos desígnios divinos (1836).

Um terceiro período é marcado pelo aparecimento da grande figura de FRIEDERICH RATZEL, que estabeleceu as normas da nova disciplina, baseando os estudos sobre o princípio da evolução da adaptação do homem ao meio, mas de uma adaptação em parte, independente desta vontade. CARL SAUER disse de RATZEL: "Seu espírito altamente imaginativo nunca faltou de observações para serem reunidas em esquemas coloridos e especulativos. Era ativo jornalista, e foi pelo jornal que penetrou no domínio da geografia. A sua qualidade marcada foi traçar grandes linhas e longos esboços, que eram a sua profissão; pode-se dizer que ele foi antes um estimulador do que um produtor de estudos fundamentais. Por mais importante que tenha sido a sua influência, não parece terido no seu país a influência que exerceu no estrangeiro, e talvez não tenha sido tão considerável a sua influência sobre a geografia quanto julgam os estudiosos da Sociedade". Estas palavras de CARL SAUER são de 1927. Nisso foi um tanto incompleto, pois, além de jornalista, RATZEL era naturalista, zoólogo e geólogo.

Hoje, o conceito ratzeliano de "Estado político amoldado ao solo e dependente do solo" é um dos *leit-motiv* da escola alemã de geopolítica. São, talvez, as grandes linhas e os longos esboços que sejam apresentados... Foram, de fato, geniais, mas também explicaríamos o que muito existe de "opinião dirigida" nos conceitos da escola de após-guerra.

O quarto período ou fase atual da evolução da geografia humana coincide com o grande desenvolvimento deste ramo geográfico em França e nos Estados Unidos, principalmente.

### III — *Como já o fez a fisiogeografia, a geografia humana está, por sua vez, procurando o seu quadro, para nele fixar as suas diretrizes*

Cedo foi verificado que um dogmatismo geográfico constituiria uma péssima base para progredir em geografia humana. O determinismo absoluto e um tanto ingênuo dos primeiros autores estava sendo posto de lado, como guia pouco seguro. Nas próprias relações a estabelecer entre fatos, entre elementos, nem sempre podiam ser reconhecidas ligações de causa e efeito. Mais frequentes eram as simples coincidências, as coexistências, as conexões, quando muito as interdependências.

No princípio deste século, por conseguinte, a geografia humana já tinha francamente saído de sua fase descritiva, analítica; continuava a coligir fatos e dados, a notar feições, a fazer empréstimos, mas já aspirava a explicar, a classificar, a operar por fim a síntese de uma realidade geográfica, reconstituída pela interpretação de seus elementos formadores.

Nesta obra, ainda não acabada, aliás, salientaram-se nomes de geógrafos franceses: VIDAL DE LA BLACHE, JEAN BRUNHES, CAMILLE VALLAUX, GALLOIS, DEMANGEON, RAOUL BLANCHARD, PAUL BUREAU, MAXIMILIEN SORRE, JACQUES ANCEL e um nome especialmente caro a nós, brasileiros, PIERRE DEFFONTAINES, sem esquecer tampouco PIERRE MONBEIG, a quem já muito devemos.

"Enquanto a maior parte das ciências do homem não tiverem percorrido as etapas essenciais que lhe faltam passar — disse um deles, PIERRE BERTOGUY — não haverá interpretação geral possível dos fatos humanos. Ainda estamos ao amanhecer de um dia que poderá ser longo. Que importa que dele não vejamos o fim? o essencial é partirmos sem delongas, medindo bem nossas forças à duração do esforço necessário". Palavras corajosas, que deveriam ser meditadas por todos quantos labutam na seara fértil da geografia humana!

Uma das características da escola geográfica francesa, ao empreender os estudos de geografia humana, foi o espírito de humildade científica, com o qual iniciou e continuou as suas pesquisas. Talvez seja esta a razão do inexplicável mutismo que guardam os discípulos de VIDAL DE LA BLACHE a respeito da produção, já considerável no princípio do século XX, da Escola Ciência Social, firmada pelos discípulos de FREDERIC LE PLAY, entre os quais se destacavam DEMOULINS, DE PREVILLE, D'AZAMBUJA, PAUL DESCAMPS, PAUL ROUX, HENRI DE TOURVILLE e muitos outros. Esta Escola, sustentada por um método sistematizado na "Nomenclatura", aliás belíssimo instrumento de pesquisa, tinha, porém, uma "doutrina" um tanto rígida e que abusava da classificação, antes dos elementos a classificar terem sido coligidos em número suficiente. Não resta dúvida que valiosos

trabalhos de genuína geografia humana foram produzidos por esta escola, embora sob título diferente, principalmente sob forma de monografias. O objetivo da Escola de Ciência Social, todavia, sempre foi mais sociológico do que geográfico; daí, talvez, a parte fraca de sua "geografia", não deixar de ser um tanto injusta, a meu ver, a atitude dos geógrafos franceses, de ignorar, sistematicamente, a contribuição desta escola em suas bibliografias e citações, extenuando-se, talvez, PAUL BEVEAU.

Lembremos, de passagem, que esta Escola de Ciência Social teve certa influência no Brasil, no princípio do século, sendo SÍLVIO ROMERO um de seus vulgarizadores entre nós. Um Presidente de Minas Gerais, JOÃO PINHEIRO, também foi grande entusiasta desta corrente francesa.

São outras, porém, as diretrizes que procura a geografia humana atual.

Seria longo e, talvez, um tanto fora do quadro deste estudo, relembrar o que foram VIDAL DE LA BLACHE e JEAN BRUNHES como orientadores do movimento geográfico moderno, aplicado à geografia do homem. Talvez não tenham sido os pioneiros, mas a eles se deve, pelo menos, o impulso; embora não fôsse completa a sua obra, eles criaram um tipo. "O que sobrar de meu esforço, disse JEAN BRUNHES, à guisa de testamento científico, é a filosofia que o esteou — a filosofia das relações do homem com a natureza".

O seu notável trabalho, de 1910, indicou as diretrizes a seguir; foi riquíssimo em sugestões, esboçou um grande quadro, mas foram amostras, estudos-típos, largos horizontes; não foi, entretanto, uma obra sistemática. Quanto a LUCIEN FEBVRE e JACQUES ANCEL, estão muito preocupados em demolir a produção alemã ratzeliana e geopolítica. O grande construtor, no momento presente, é o amigo do Brasil, PIERRE DEFFONTAINES! E' o incansável animador dos DE LA RUE, HARDY, HÉRUBEL, JOURDAN e JULES BLACHE, nomes já conhecidos, entre nós, por se terem encorporado na falange dos colaboradores da notável coleção de geografias humanas que dirige o nosso DEFFONTAINES.

Esta coleção geográfica é de grande alcance, porque, sob uma forma acessível, sem tomos volumosos nem erudição indigesta, ataca a geografia humana sob quatro aspectos:

1.º — Estuda o homem nas suas relações com os elementos: a floresta, a montanha, a costa, as ilhas, o deserto, o mar, o clima. E' a parte analisada em seus componentes mais simples.

2.º — Estuda a marca geográfica do homem sobre o solo — o que JEAN BRUNHES chamou a "superfície humanizada de nosso planeta" — as fronteiras, a colonização, as cidades, as culturas, as indústrias, tôdas as formas de instalação humana que alteram a paisagem.

3.º — Estuda os grupos em monografias, que podem ser multiplicadas ao infinito, como a vida dos esquimós, dos caçadores canadenses, das populações do Mediterrâneo. E' a reconstituição dos quadros regionais. E' a orientação acertada que PIERRE MONBEIG está dando a seus estudos sobre o Brasil. E' neste setor da atividade geográfica que existe, na minha opinião, o futuro mais promissor da geografia em nosso país.

4.º — Estuda as civilizações, isto é, o *mecanismo da vida dos homens*, quando gravitam ao redor de um produto. "Esta mecânica, diz DEFFONTAINES, acarreta uma hierarquia social e mesmo uma psicologia..." pois não temos nós uma civilização da borracha, uma civilização do café? pois não nos está GILENO DÉ CARLI dotando de uma civilização do açúcar, e MONBEIG esboçando uma civilização do cacau?

E não faz DEFFONTAINES mistério nenhum dos meios adequados para todos nós habituarmos a ser outros tantos DEFFONTAINES brasileiros. Ele publicou na *Geografia* de São Paulo, em 1936, um guia do viajante ativo, um questionário de geografia prática, que pode servir de catecismo a todo estudante de geografia humana. Bem coligidos os fatos, bem observados os dados e bem reunidas as notas relativas a uma área geográfica caracterizada, só resta um trabalho — o da redação.

Mas, dirão os cépticos, isso tudo não delimita a geografia humana. São trabalhos de sistematização, não há dúvida, mas não circunscrevem, não dizem "o que é o domínio da geografia humana". Esta lacuna importante já está sendo uma das preocupações da escola francesa, e por isso tentou PIERRE BERTOGUY, em 1939, esboçar um quadro sistemático. Podemos considerá-lo como o porta-voz da escola, pois foi apadrinhado por DEFFONTAINES.

O quadro de BERTOGUY divide a geografia humana em cinco partes:

- 1.<sup>a</sup> — *A Geografia da defesa* ou das acomodações;
- 2.<sup>a</sup> — *A Geografia econômica*;
- 3.<sup>a</sup> — *A Geografia social ou política*;
- 4.<sup>a</sup> — *A Geografia demográfica*;
- 5.<sup>a</sup> — *A Geografia do pensamento*.

Não vem ao caso criticar aqui esta divisão e suas subdivisões, pois recapitulam bem todos os tópicos que pode abranger a geografia humana, e nenhuma de suas legítimas pesquisas fica fora do quadro.

Discordando, porém, em alguns detalhes, preferindo uma distribuição diferente das matérias em certos casos, e alternando, em outros, a ordem dos fatores, tomei a liberdade de apresentar um esboço de plano sistemático para o geografia humana, no qual incluí a geografia histórica, assim como alguns conceitos ratzelianos, que julgo indispensáveis, mesmo quando deles não se quer fazer arsenal político de expansão e domínio. E' apenas uma tentativa de sistematização dos domínios da geografia humana. E' cedo para esperar uma cristalização definitiva: o progresso realizado pela fisiogeografia, entretanto, não é para desanimar os que desejam igual segurança e precisão para o ramo humano da geografia.

Se o quadro está apenas esboçado, não há dúvida, entretanto, que as diretrizes estão tomadas e já pode muito ser construído, devido aos métodos empregados. Estes métodos são os das ciências sociais e constam principalmente da observação e da comparação dos fatos. Os fenômenos precisam ser bem analisados e perfeitamente localizados. Se ficássemos nisso, chegaríamos, porém, a descrições como as da geografia antiga. A necessidade da explicação se impõe hoje à geografia humana. A este propósito posso aludir a uma feição da *Revista Brasileira de Geografia*, que causou certa surpresa em nossos meios intelectuais: os seus artigos não são mais do que simples descrição e localização, e viram, depois da análise, a reconstrução explicada da realidade; isto é, a síntese explicativa é a essência da geografia moderna.

Mas os demais métodos das ciências sociais também servem à geografia humana: o método estatístico, com as suas tabulações bem interpretadas; o método histórico, com a sua evocação eloquente do passado; o método monográfico, que permite os mais belos quadros mesológicos e os estudos regionais mais característicos.

A classificação, tão importante em ciências naturais, é também aplicável à geografia humana, e tem sido usada e abusada. E' sedutora a perspectiva que oferece em muitos casos semelhante operação. Ela parece fechar, com chave de ouro, uma série de estudos; por isso mesmo, é perigosa. Tôdas as classificações são falhas quando prematuras, e... em geografia humana, tôdas parecem, mais ou menos, neste caso.

IV — *Entre os anglo-saxões, a geografia humana tem um desenvolvimento paralelo ao da Europa Central, mas a falta de Escola geográfica nos Estados Unidos não prejudica uma ativa e fecunda produção geográfica*

Não foi só da Alemanha e da França que vieram até cá os ecos da renovação da geografia do homem. A fulgurante revelação que representa EUCLIDES DA CUNHA nos *Sertões* foi produzida pelo choque de dois pensadores estrangeiros — o alemão KIRCHOFF e o americano WILLIAM MORRIS DAVIS.

Mas não nos façamos ilusão: apesar da velocidade do pensamento, das facilidades de comunicações em tempos normais, da vulgarização do livro e da revista, estamos ainda longe da fase da interpenetração dos espíritos, da osmose mental a que deverá atingir a humanidade. Um catarinense de espírito, meu amigo, EDMUNDO DA LUZ PINTO, diz que a maioria dos desentendimentos políticos e internacionais tem suas origens no dicionário; somos vítimas da incompreensão das palavras. No caso vertente, é uma questão de língua estrangeira. O anglo-

-saxão tende a se isolar pelo pensamento. Dos grandes nomes da Europa Continental só atravessam os mares suas reputações; suas obras ficam religiosamente tabús.

A experiência e a frequentação de muitos geógrafos de tôdas as nacionalidades me convencem de que RITTER, RATZEL, WAGNER e outros só são conhecidos no estrangeiro pelos artigos de revistas que vulgarizam seus pensamentos, ou que traduziram umas poucas páginas suas.

Muitos dos maiores nomes da França, da Itália ou da Inglaterra hesitariam em dar sua palavra de honra, se fôsse solicitada, de que leram RICHTHOFEN, HETTNER, SUPAN ou PASSARGE no texto original. Nos Estados Unidos, todavia, a situação parece um tanto diferente.

Na Grã-Bretanha a geografia venceu, em 1887, em Oxford, devido aos esforços de MACKINDER, sustentado pela Sociedade Real da Geografia, na sua luta contra o conservantismo universitário. No ano seguinte, Cambridge imitou Oxford e, aos poucos, as demais universidades se foram convertendo: HERBERTSON, LYDE, FLEURY e BROWN seguiram o exemplo de MACKINDER.

O grande impulso recebido pela geomorfologia na Alemanha com os trabalhos de PESCHEL e de PENCK, tinha levado a um dualismo geográfico, isto é, a uma separação completa da geografia física, dita sistemática, da geografia regional e humana, considerada perigosa sua invasão de campos alheios. Estas vistas extremas não foram partilhadas pelos geógrafos da língua inglesa, graças, talvez, aos trabalhos de ELLEN SEMPLE, que vulgarizou as teorias ratzelianas na Inglaterra e nos Estados Unidos. O geógrafo BARROWS propôs considerar a geografia como o campo da "ecologia humana".

No princípio dêste século o inglês HERBERTSON apresentava o seu primeiro ensaio de geografia sistemática: as grandes regiões naturais da Terra, nas quais incluía o homem. Foi de certa influência no desenvolvimento posterior da geografia britânica êste conceito de síntese geográfica, depois de ter sido, aliás, muito combatido.

Nos Estados Unidos, a paráfrase ratzeliana de ELLEN SEMPLE, sôbre o conceito de influências geográficas, foi mitigada pelas tendências ainda dualísticas de W. M. DAVIS, e assim nasceu um mesologismo, que dominou algum tempo.

Nestes últimos dez anos, entretanto, o mesologismo foi muito criticado por HARTSHORNE, PRESTON JAMES, SAUER, ROBERT HALL e BARROWS. Não levaram as discussões à eliminação dos estudos de fisiografia, que, por sinal, tinham tomado um considerável desenvolvimento, mas acabaram com os restos de um dualismo atenuado, e conduziram a um estudo conjunto das feições físicas e humanas das áreas geográficas e de suas interações.

Aproximavam-se, então, os americanos do conceito japonês de INUYÉ, que pretende que a geografia física se acha em outras ciências naturais, e que a geografia que sobra é exclusivamente geografia humana.

Levando o assunto a tal extremo, os geógrafos americanos obedeciam apenas a uma reação contra a antropogeografia germânica de ELLEN SEMPLE, em que se notava muita variedade, muita riqueza, alguma confusão e pouca unidade. Ela foi mais brilhante, incontestavelmente, na sua geografia histórica.

A propósito da geografia histórica, seria incompleta a visão da geografia humana nos Estados Unidos, sem uma referência ao florescimento de uma notável produção de geopolítica. Assim como os ingleses tiveram, neste ramo, os seus especialistas de fronteiras, CURZON, HOLDICH, FAWCET, os americanos possuem ISIAH BOWMAN, WHITTLESEY, HARTSHORNE, o professor australiano de Chicago GRIFFITH TAYLOR e DOUGLAS JOHNSON, entregue à geografia militar, quando os seus estudos sôbre morfologia costeira lhe dão alguma folga.

Um espírito brilhante, mas um tanto audacioso e precipitado em suas conclusões, é ELLSWORTH HUNTINGTON, vulgarizador da geografia humana, especialmente econômica. Em muitos de seus trabalhos êle parece visar o efeito, a surpresa.

Seria fastidioso enumerar aqui os geógrafos americanos que se tem ocupado da geografia humana. Muitos, aliás, são autores de simples compêndios.

Lembraria apenas dois nomes, porque ambos nos visitaram e escreveram páginas interessantes sobre a América do Sul e ambos representam as novas tendências da geografia norte-americana.

CLARENCE JONES, da Universidade de Clark, apresentou, numa integração geográfica, as regiões naturais da América do Sul. O seu sistema é começar por vistas de conjunto sobre as grandes unidades políticas e, em seguida, dividir o país em regiões naturais, nelas estudando, sucessivamente, o quadro natural e as ocupações. O seu intuito é, principalmente, a interpretação econômica da geografia humana.

PRESTON JAMES, grande amigo do Brasil, que visitou e percorreu demoradamente três vezes, escreveu sobre São Paulo, principalmente, páginas que merecem ser meditadas. É um dos pioneiros da geografia nova em seu país. É professor da Universidade de Michigan e expôs as suas teorias sobre geografia em 1935, em seu já famoso *Outline of Geography*.

Bem americano, PRESTON JAMES procede, ao mesmo tempo, dos mestres franceses e dos alemães HETTNER e SIEGFRIED PASSARGE. Ele refuta, com veemência, uma geografia baseada, unicamente, em influências do meio sobre o homem ou estudo do ajustamento do homem ao seu meio, comparando tais limitações a uma alquimia medieval. A geografia, conclue ele, como estudo das relações mútuas no espaço de fenômenos produzidos sobre a face da Terra, é ciência.

PRESTON JAMES não nega a importância de uma base preliminar de estudos sistemáticos de fisiografia, meteorologia, antropologia e história que, coisa curiosa, ele resume em alguns apêndices de seu livro, mas insiste sobre a necessidade de uma integração. Esta integração, ele a procura na paisagem geográfica.

Na sua definição, a paisagem não é o que apenas alcança o olhar, é aquela porção de território que apresenta, essencialmente, os mesmos aspectos, depois de ter sido examinada, sob todos os pontos de vista tidos por necessários.

É uma interpretação que revela a influência de PASSARGE, apesar de ser muito discutida nos Estados Unidos a palavra *Landscapo*, como tradução exata de *Landschaft*.

Em suma, nos Estados Unidos, a ausência de espírito de escola, que encontramos tão frequentemente no Continente Europeu, para a geografia como para a sociologia ou outras ciências sociais, não impede que grandes progressos se estejam registrando no pensamento geográfico e na sua expressão prática no ensino.

Um diagrama engenhoso esboçado por RICHARD HARTSHORNE procurou revelar graficamente como se pode conceber a integração de todos os ramos da geografia sistemática que, focalizados em um determinado ponto do globo, constituiriam bem a geografia regional ou mesmo a paisagem geográfica.

De fato, a geografia de PRESTON JAMES é, mais do que simples paisagem geográfica, região natural; direi ainda: é geografia comparada, muito mais do que a de RITTER! Quando ele estuda um meio característico (digamos — as regiões de florestas tropicais), examina o que denomina o *fundamento*, de um lado, vegetação e clima; de outro, feições superficiais, solos e drenagens. Em seguida, estuda a ocupação, pelo homem, no passado, nas feições indígenas ou primitivas e nas feições ditas ocidentais, de cultura. Mas este estudo regional abrange ao mesmo tempo, e comparadamente, a Amazônia, a região congoleza e as Índias Orientais.

Mas esta tendência à integração não se limita ao campo da geografia.

V — *A Integração das Ciências Sociais promete a nossa evolução intelectual um novo humanismo, tão elevado e espiritual quanto o humanismo clássico, porém mais natural e menos metafísico*

Há uma tendência geral das ciências sociais para a integração. Elas vão-se interpenetrando à medida que queremos sair do domínio dos simples fatos observados. A história adquire valor novo, quando interpretada à luz da economia; a sociologia é de pouca significação, sem o auxílio da etnografia, da história e da psicologia coletiva. A política encontra suas razões na geografia e na economia; suas tradições estão na história; seus projetos na sociologia, e assim se vai, cada vez mais, tornando complexo o estudo da complexa realidade.



Nisso tudo, porém, o homem continua a ser, como disse Protágoras, a medida comum de tôdas as coisas.

Aliás, a ciência é una, repito; nós é que subdividimos a dificuldade, para vencê-la mais facilmente. Os nossos conhecimentos subordinados apenas ao critério humano são outras tantas hipóteses provisórias que rejeitamos, quando de nada mais nos servem: somos pragmatistas natos.

Que conhecemos nós, no fundo? Apenas relações entre as coisas, isto é, entre os elementos da descrição humana das coisas e o homem.

O humanismo é, e sempre foi, um esforço espiritual da interpretação das coisas em função do homem.

Assistimos, pois, a um novo humanismo, tão elevado e espiritual quanto o humanismo clássico, porém mais natural e prático, criado pela integração das ciências sociais, entre as quais a geografia ocupa uma posição estratégica, porque os fatos só tem realidade quando localizados no espaço.

Com a evolução da geografia humana, as coisas vão-se como que localizando melhor. O nosso espírito deixa de andar errante, entre a multidão dos fatos que impedem de perceber o fenômeno.

Não sejamos como os prisioneiros da Caverna de Platão que, com as costas voltadas à luz, só vêem projetar-se sobre a muralha as sombras das pessoas e das coisas. Acreditando que estas são realidades, êles estabelecem as relações que tem entre si, e ficam orgulhosos de sua ciência. Se um deles é trazido à luz, o Sol o ofusca, êle se revolta e quer voltar para a sua ciência da sombra. Esta alegoria da república, do filósofo grego, se poderia repetir para os que, em geografia, preferem as sombras às realidades, preferem as enumerações, as nomenclaturas e os fatos isolados, que erigem em ciência; preferem estas sombras à luz do dia, que representam as grandes sínteses de conjunto, as integrações dos fenômenos de tôda a ordem, as correspondências e correlações de fatos que procuram a explicação das realidades.

Êste esforço espiritual em escala do homem é o novo humanismo que está, finalmente, surgindo entre nós. De uns 20 anos para cá, os nossos geógrafos tem trabalhado, e o grande exemplo que, na aurora do século, tinha dado EUCLIDES DA CUNHA, descrevendo, nos *Sertões*, a terra e o homem, êste brilhante exemplo traçado em 1902 foi pouco a pouco sendo compreendido pela atual geração. Hesitaria em enumerar aqui os nomes dos jovens patricios que honrariam a literatura da geografia humana em qualquer país, desde RAIMUNDO LOPES, um dos pioneiros, até a brochura de MÁRIO LACERDA DE MELO, aparecida há dias, em que é examinado o Nordeste pernambucano em três quadros: a paisagem praiieira, a paisagem da mata e as cidades.

Poderia eu esquecer ALFREDO ELIS JÚNIOR, AROLDO DE AZEVEDO, RAIMUNDO DE MORAIS, ARAÚJO LIMA, MÁRIO TRAVASSOS, OVÍDIO CUNHA, meu amigo e companheiro de trabalho SÍLVIO FRÓIS DE ABREU, que também se está tornando humano em seus trabalhos geográficos?

Propositalmente, deixo de lado os etnólogos, os sociólogos, os historiadores, embora cultores da geografia.

E' deveras promissor, entre nós, o futuro da antropogeografia e mesmo o da geopolítica: o exemplo de EUCLIDES DA CUNHA e a lição da Europa estão produzindo frutos.

Muito ainda nos resta a fazer e, por isso, é auspicioso o fato da reunião do IX Congresso Brasileiro de Geografia. Representa, para nós, uma congregação de esforços, um exame de consciência nacional, uma meditação sobre as nossas realidades e as nossas possibilidades, uma oportunidade única para nos entendermos e traçarmos um plano para o futuro.

O mundo atual é o mundo da economia dirigida, dos planos de cinco ou mais anos, das atividades sociais planejadas... E por que não teria também o dos estudos orientados segundo diretrizes recomendadas pelos interesses nacionais?

Mencionei, há pouco, as quatro esferas — atmosfera, litosfera, hidrosfera e biosfera — às quais juntei a psicofera. Vimos que semelhante distinção é uma

sistematização artificial, útil até certo ponto, mas que a ciência geográfica de hoje desdenha, porque a realidade é outra: a realidade é a íntima interação de todas elas e, por conseguinte, uma integração. Mas a psicosfera, que tomei a liberdade de sugerir, a psicosfera cada vez mais se torna, se não independente, pelo menos conciente e orientadora. Nela própria é que se processa, em última análise, a integração das demais; ela é a criadora deste humanismo novo, ela é que deve fixar as diretrizes.

Em consequência, é para o ensino da geografia pátria, nos seus aspectos humanos, principalmente, que devemos aqui, peregrinos e fiéis de um credo nacional, concentrar as nossas atenções. E' para o ensino da geografia do Brasil no grau elementar, no grau secundário e no grau universitário que devem convergir os nossos esforços, nossas discussões, nossas moções e resoluções.

Permitam que eu faça este apêlo aos jovens, aos professores cheios de mocidade e de entusiasmo. O que eu podia fazer já fiz; o Céu e a Terra já deram um passo, desde que iniciei a jornada. Se procurei, aqui, definir a orientação nova da geografia humana, não foi para ensinar, para lecionar, foi para fazer um apêlo aos que teem a ventura de estar iniciando ainda os estudos do meu querido Brasil. Como os invejo por isso!

O estudo do Brasil-território e do Brasil-povo é a base científica de todos os demais estudos sobre a nacionalidade: leva a compreender as condições e o mecanismo da vida nacional, analisando todo o complexo fenômeno que representa esta vida em uma sociedade civilizada e progressista; leva a perceber a solidariedade econômica e social, das diferentes zonas do país, sua interdependência providencial, sua necessária integração em uma pátria una e indivisível, aparecendo, assim, mais necessária e imperativa a idéia da sacrossanta união que fez a honra da nossa história e faz hoje a nossa força, como eu dizia há mais de trinta anos; leva a estabelecer bases científicas de uma educação cívica esclarecida e robusta, e não apenas ingênua, superficial, "ufanista" e cega; leva a conhecer o estado atual de cada um dos nossos problemas nacionais e, por esse meio, aquilatar o nosso papel internacional. E', de fato, essencial, despertar, quanto antes, nos nossos patricios a consciência internacional de uma missão no mundo. Os acontecimentos vão-se precipitando, e não podemos esperar que nos venham surpreender desprevenidos. Duas ocorrências, felizmente, se deram, nos últimos dias, neste setor: o recenseamento da República e a reunião do IX Congresso Brasileiro de Geografia. Estamos concientes!

No grau superior, onde acertadamente entrou há poucos anos o ensino da geografia, cabe à Universidade uma missão especial no ramo que nos interessa — formação do professor-cidadão. Esta alta função deve ser desempenhada com amor, clarividência e aptidão. São e serão os nossos discípulos os mestres de amanhã; sobre eles recairá a responsabilidade da formação mental e cívica de nossos futuros professores. A estes, o meu último apêlo:

Mestres e professores brasileiros! Ensinem às novas gerações que se levantam a geografia de nosso Brasil. Digam-lhes bem quanto nossa terra é grande e generosa, quanto necessita de inteligências para compreendê-la, de atividades para engrandecê-la e de coração para amá-la! (*Palmas*).

(Conferência do prof. Delgado de Carvalho, proferida em uma das sessões do IX Congresso Brasileiro de Geografia — Florianópolis, 1940).